

## Outras Palavras: o *Catatau* de Paulo Leminski em três tempos

Marília Librandi Rocha  
(UESB)

Este texto versa sobre o romance *Catatau* (1975), de Paulo Leminski (1944-1989), tendo em vista discorrer sobre o modo como o experimentalismo de vanguarda insere-se e, simultaneamente, desloca a tradição do narrador de prosa de ficção no Brasil desde sua constituição no século XIX. Busca-se saber de que modo um romance como *Catatau* liga-se à tradição do narrador oitocentista corrompendo-a por dentro, minando seus pressupostos, ao mesmo tempo em que os re-atualiza. Um desses pressupostos, talvez o principal, respondia pela adequação de uma ficção atrelada à documentação e que se legitimava por sua mestra, a História, pelo desejo de fundar um país, a busca da cor local e a descrição da paisagem baseada nos relatos dos viajantes estrangeiros (cf. SUSSEKIND, 1990). O mesmo viajante, que constitui a imagem do narrador de romance no Brasil oitocentista como paradigma do conhecimento e descrição do país, também se encontra aqui só que posto do avesso. “No *Catatau*”, diz Leminski, “quase nada acontece. No sentido da narrativa do século XIX, claro. No plano da linguagem e do pensamento, acontece quase tudo” (Leminski, 1975, p.11). No livro, Leminski ficcionaliza René Descartes, que foi oficial da Guarda de Maurício de Nassau e poderia ter integrado, juntamente com naturalistas como Marcgrav e pintores como Franz Post e Albert Eckhout, a comitiva que acompanhou o Príncipe em sua vinda ao país na época do domínio holandês no Nordeste (1630-1654).

Como uma floresta tropical de palavras que não compõe proposição válida segundo o critério de Verdadeiro ou Falsa, mas uma simultaneidade de frases que se autodesfazem, unidas em jus

taposição mais do que na subordinação de sintagmas como “Penso, logo existo”, não há, em *Catatau*, o “logo”, pois nele o *logos* cartesiano delira e ensandece: “muito baralhado esse negócio brasílico!” (LEMINSKI, 1975, p.63), o que, de outro modo, mantém a figuração de um Novo Mundo em oposição ao Velho. Assim, o livro abre com o famoso *ergo sum*, imediatamente corrigido para “aliás, Ego sum Renatus Cartesius, cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis” (LEMINSKI, 1975, p.13).

Em um livro que se quer todo espacial, este estudo, como abordagem inicial de pesquisa, tem o intuito de mostrar que em *Catatau* se cruzam três temporalidades distintas: 1) a do século XX, em um livro escrito entre 1966 e 1975, no Brasil, segundo os parâmetros da vanguarda do Concretismo, filiado às experimentações de James Joyce, Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, e retomando a linha do projeto modernista/antropofágico de Oswald de Andrade; 2) a do século XVII, com o tema da presença fictícia de Descartes em Pernambuco, o texto parodia o pensamento clássico, sua *ordem geral dos signos*, sua *mathesis e taxinomia*, para defender a idéia de sua impossibilidade em terras locais; 3) entre esses dois tempos - os séculos XX e o XVII - queremos mostrar que o livro de Leminski desfaz em negativa as bases que constituíram o narrador de ficção no Brasil no século XIX, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, mantém, com *outra palavras*, os mesmos pressupostos românticos de um país edênico, lugar *incomum*, terra “em branco”; questões essas que discutiremos a partir dos estudos de Flora Sussekind, *O Brasil não é longe daqui* (1990), e de Roberto Ventura, *Estilo Tropical* (1991). De modo que, no livro, as diversas temporalidades não apenas se cruzam, mas coincidem: “Se nossas épocas coincidirem, nossas conversas serão contínuas” (LEMINSKI, 1975, p.111), o que conduz à indagação: “A que época atribuir nossos tempos” (LEMINSKI, 1975, p.38).

Podemos também dizer que em *Catatau* ocorre o confronto de duas *epistemes* que o romance encenaria: a *episteme* do século XVII europeu, que tem Descartes como pilar e que se caracteriza pela confiança na representação e no *cogito*, e a *episteme* que na passagem do XVIII para o XIX inaugura a “crise da representação”, segundo M.Foucault (1966), e que se entenderia até uma obra de vanguarda e experimentalismo dos anos

de 1970 no Brasil, a qual acentua ou desloca a crise da representação numa incursão pela *linguaviagem*.

### O viajante em trânsito, o pensamento em transe

Renatus Cartesius, personagem, encontra-se sentado à sombra de uma árvore do horto de Maurício de Nassau no palácio de Vrijburg (1642): “a cidade livre, a Olinda batava, onde em Pernambuco (paranimabuca, em tupi), Nassau organizou o primeiro zôo e horto botânico só com plantas e animais tropicais” (Leminski, 1975, p.13). Fumando uma “erva de negros” e com uma luneta a seu lado, o pensamento claro e distinto do filósofo perturba-se, dissolve-se e aquece-se sob o sol dos trópicos. A razão dorme ou sonha e o que ele vê são monstros, como diz parodiando Pascal, “O silêncio eterno desses seres tortos e loucos me apavora” (LEMINSKI, 1975, p. 15).

Comer esses animais há de perturbar singularmente as coisas do pensar. Palmilho os dias entre essas bestas estranhas, meus sonhos se populam da estranha fauna e flora: o estalo de coisas, o estalido dos bichos, o estar interessante (LEMINSKI, 1975, p. 15)

Descartes aguarda Artyczewski (1592-1656), general da Companhia das Índias Ocidentais, que só aparece ao final do livro, embriagado.

O ilusionismo solipsista (ego-trip) do personagem-Cartésio é o fiel retrato, em termos de realismo, do estado de espírito do colonizado, um homem fragmentado, desconexo, perplexo, atônito: alienado (Leminski, 1989b, p.212)

Descartes perde a razão e se metamorfoseia nos animais que observa. Assim, se “A bicharada, com que começa o *Catatau*, emblematiza o pasmo do Europeu (esse desbestializado)” (LEMINSKI, 1989b, p.212) , no livro o personagem se torna literalmente besta:

Sinto em mim as forças e formas deste mundo, crescem-me hastes sobre os olhos, o pêlo se multiplica, garras ganham a

ponta dos dedos, dentes enchem-me a boca, tenho assomos de fera, renato fui. Se papai me visse agora, se mamãe olhar para cá!” (LEMINSKI, 1975, p.36)

Assim, se para o Descartes real o que diferencia os homens dos animais é serem aqueles “capazes de arranjar em conjunto diversas palavras, e de compô-las num discurso pelo qual façam entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não existe outro animal, por mais perfeito e felizmente engendrado que possa ser, que faça o mesmo” (DESCARTES, 1637, Livro 5, p.61), Leminski faz entrar em curto-circuito essa capacidade: vingança contra o cartesianismo, sua lógica e a da colonização. Assim também, se para Descartes “a razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as espécies de circunstâncias” (DESCARTES, 1637, Livro 5, p.60), para Leminski trata-se de defender a tese contrária.

Uma frase de Oswald de Andrade, no *Manifesto Antropófago*: “... nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós”, parece estar na base de *Catatau*. A intenção do livro, nas palavras do autor, é : “mostrar como, no interior da lógica todo poderosa, esconde-se uma inautenticidade: a lógica não é limpa, como pretende a Europa, desde Aristóteles. A lógica deles, aqui, é uma farsa, uma impostura. O *Catatau* quer lançar bases de lógica nova”. (LEMINSKI, 1989b, p.211).

Segundo a *Grammaire générale et raisonnée* (1660) e *La logique ou l'art de penser* de Port-Royal (1662), como aplicações do pensamento cartesiano, toda proposição representa o pensamento que já é representação da apreensão do mundo, portanto, representação da representação, que caracteriza a idade clássica e sua confiança no *cogito*. Em oposição a essa concepção de transparência da linguagem em relação a um pensamento que a língua deve apenas traduzir sem interferir nem perturbar, Leminski compõe um livro no qual a proposição, ao invés de representar o pensamento, o dilui, o desfaz, o liquefaz. Cada frase é um desmentido da anterior. Não há o desenvolvimento de uma idéia em uma cadeia de proposições compondo parágrafos, mas uma sucessão de provérbios, frases-feitas desfeitas, citações, paródias, idiotismos, estrangeirismos. Não há sequer uma língua única no livro, mas uma mescla :

Seu polilingüismo é o reflexo do polilingüismo do Brasil de então onde se praticavam as línguas mais desencontradas: o

tupinambá da Costa e centenas de idiomas gês/tapuias, dialetos afros, português, espanhol e, em Vrijburg, cosmopolita, holandês, alemão, flamengo, francês, iídich e até hebraico (LEMINSKI, 1989, p. 212)

Tudo no livro colabora para a confusão babélica em oposição à clareza. Nesse sentido, Leminski compõe um não-livro, como uma coleção de frases que pode ser lida em qualquer seqüência, texto cibernético ou hipertexto.

### O não-livro para não leitores

O livro se abre com uma inversão: ao invés da tradicional “Captatio Benevolentiae”, o autor repele os leitores com uma “Repugnatio Benevolentiae”: “Me nego a ministrar clareiras para a inteligência deste catatau que, por oito anos agora, passou muito bem sem mapas. Virem-se”. Propõe-se, assim, como o oposto da clareza e do bom senso, recusando o leitor comum visado por Descartes em seu *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la verité dans les sciences*, escrito em francês para popularizar o método em 1637. Esse propósito manifesto de repelir os leitores insere-se no projeto do livro escrito para poucos, no dilema de leitores recusados-e-buscados, “ego-trip” como é qualificado, no qual a comunicação com o outro (quer este outro seja o estrangeiro, o nativo, o “civilizado”, o “bárbaro” ou o próprio leitor) atinge um estado de entropia: “Mensagem afetada de elevado coeficiente de ininteligibilidade, a legibilidade no *Catatau* está distribuída de maneira irregular” (LEMINSKI, 1989b, p.213). Como diz ainda o próprio autor, a informação absoluta, sempre nova, acaba por produzir redundância, logo, informação nula, daí “que a expectativa permanente no *Catatau* acaba por se tornar um estado ‘monótono’ (caógeno)” (LEMINSKI, 1989b, p.210).

No *Catatau*, a expectativa é sempre frustrada. O leitor jamais sabe o que deve esperar: rompe-se a lógica e as passagens de frase para frase são regidas por leis outras que não as normas da sintaxe discursiva ‘normal’. Existe literalmente um abismo de frase para frase, abismo esse que o leitor deve transpor como puder (como na TV, entre ponto e ponto) (LEMINSKI, 1989b, p.210).

Na segunda edição de *Catatau*, em 1989, Leminski classifica seu livro como um “romance-idéia” aproximando-o, assim podemos entender, de um tratado filosófico. Como efeito de leitura, diria que o livro parece ser mais interessante para estudar como “idéia” do que para ler como “romance”. Mesmo assim, está mais próximo de um “projeto de prosa” do que da forma de um “poema em prosa”, como define Haroldo de Campos: “Uma prosa que pende mais para o significante do que para o significado, mas que regurgita de vontade fabuladora, de apetência épica, de estratégias retóricas de dilação narrativa” (CAMPOS, 1989, p.217,18), e completa: “de um comedimento neobarroco, de um ensaio de liquefação do método e de proliferação das formas em enormidades de palavra, é que se trata” (CAMPOS, 1989, p.214).

Trata-se, diz Leminski, “de um caso textual de ‘possessão diabólica’: um texto ‘clássico’ é possuído por um monstro ‘de vanguarda’” (LEMINSKI, 1975, p.211), chamado Occam (Ogum, Oxum, Egum, Ogam). Quando ele aparece no texto, as letras das palavras se alteram, mudam de lugar, “aconstrece”: “Occam, acaba lá com isso, não consigo entender o que digo, por mais que persigo”. (LEMINSKI, 1975, p. 18)

### Ficção/história

Foi como professor de História do Brasil, durante uma de suas aulas, que Leminski teve a idéia que orienta o livro.

Referi que, na Europa, o Príncipe Maurício cercava-se de um séquito de ilustres. O filósofo francês René Descartes (que, à moda do tempo, latinizava o nome para Renatus Cartesius) era fidalgo da guarda pessoal de Maurício. De repente, o estalo: E SE DESCARTES TIVESSE VINDO PARA O BRASIL COM NASSAU, para a Recife/Olinda/Vrijburg/Freiburg/Mauritzstadt, ele, Descartes, fundador e patrono do pensamento analítico, apoplético nas entrópicas exuberâncias cipoais do trópico? (LEMINSKI, 1975, p. 207)

*Catatau* compõe-se assim como uma ficção que refaz a história dos holandeses no Brasil e sua interpretação incorpora na materialidade da escrita o fracasso desse empreendimento, pois é a fala dissonante do personagem que faz desabar a razão cartesiana,

assim como desabou o projeto batavo nos trópicos.

Deste modo, os Estados Gerais tinham planejado fazer do Brasil uma república muito rica, bela e poderosa, sem as lutas que ali se verificam presentemente. Pretendiam tornar-se o povo mais florescente e estimável do mundo (...). “(...) por fim, pensando ter tudo ganho, tinham perdido tudo. (MOREAU, 1651, p.88).

O governo de Maurício de Nassau no Recife (1637-1644) é tido como a Idade de Ouro do domínio holandês, correspondendo aos seis anos de paz relativa (1641-1645) dentre os vinte e quatro anos da guerra do açúcar (cf. MELLO, 1975, p.13). Por quê esse episódio histórico, o poder holandês que se estende do Ceará ao São Francisco durante vinte e quatro anos se reveste de importância e interesse para o caso que aqui nos interessa, o de sua incorporação pela ficção? Destacamos dois aspectos. Primeiro, a questão do “nativismo”. Segundo a historiografia, o domínio holandês e os problemas envolvidos na guerra do açúcar favorecem uma primeira organização especificamente brasileira, manifesta numa guerra de guerrilha que termina por expulsar os recentes invasores. O episódio estaria assim na origem de um sentimento nativista posterior, pois que só tomará corpo a partir de 1710 com a guerra dos mascates, como analisa estudo de Evaldo Cabral de Mello (1975). Assim, se a resistência inicial aos holandeses é marcadamente européia, com tropas portuguesas, castelhanas e italianas, a guerra de restauração assumirá características brasileiras, com 2/3 de índios e negros como parte do efetivo luso-brasileiro, sendo financiada pela sociedade colonial do Nordeste. Como diz José Guilherme Merquior comentando o estudo de Evaldo Cabral de Mello:

tanto o custeio da guerra quanto o recrutamento e abastecer das tropas, o seu comando e a sua estratégia se tornarão crescentemente locais e nativos. Exibindo com plena minúcia fundamentos *materiais*, econômicos, logísticos e tecnológicos, desse *abrasileiramento* da campanha contra o invasor, ECM realiza uma autêntica *sociologização* do nexos, que a historiografia precedente apontara sem demonstrar, entre o domínio holandês e o sentimento nativista. (MERQUIOR *apud* MELLO, 1975).

Podemos dizer que ao ficcionalizar Descartes nos trópicos como emblema da colonização batava, Leminski opera, no texto, uma “guerra de guerrilha” contra o pensamento cartesiano, minando-o na estrutura de sua fala ininterrupta, e a questão do nativismo, importante para a prosa de ficção que se fixa no século XIX, acaba por ser incorporada, pelo avesso, com *outras palavras*, no *Catatau*, como discutiremos adiante.

De outro lado, trata-se de um episódio histórico que se caracteriza como uma possibilidade não realizada: e se os holandeses tivessem sido vitoriosos e permanecido no Brasil? Nesse sentido, arriscamos dizer que o romance de Leminski dá corpo ficcional à análise de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936), em relação ao fracasso do projeto da Nova Holanda, (“Seu empenho em fazer do Brasil uma extensão tropical da pátria européia sucumbiu desastrosamente (...)”, HOLANDA, 1936, p.34). Dentre os motivos elencados por Sérgio Buarque para esse fracasso estariam o pouco “contato íntimo e freqüente com a população de cor” (HOLANDA, 1936, p.34), as dificuldades fonéticas dos idiomas nórdicos para os índios e negros e a pouca aceitação do protestantismo:

O insucesso da experiência holandesa no Brasil é, em verdade, mais uma justificativa para a opinião, hoje corrente entre alguns antropologistas, de que os europeus do Norte são incompatíveis com as regiões tropicais (HOLANDA, 1936, p.34).

Assim também se manifesta Leminski em relação ao projeto de seu livro: “O *Catatau* é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso do leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico”. (LEMINSKI, 1989b, p.216). Como disse Antonio Risério: “Fracassou, por motivos vários, a colonização holandesa, o projeto-Nassau. Leminski dá conta de um outro fracasso: pensar o Brasil em pensamento europeu” (RISÉRIO, p.220, 1976).



## A “Sensação de não estar de todo” e o “Estilo tropical”

A partir dos estudos de Flora Sussekind e de Roberto Ventura desenvolveremos algumas hipóteses na leitura de *Catatau*. Em seu estudo *O Brasil não é longe daqui* (1990), Flora Sussekind assinala os “retornos em diferença da imagem do viajante na prosa brasileira” (SUSSEKIND, 1990, p. 155). Seu estudo parte dos anos de 1830 e 1840, mostrando como o narrador de ficção no Brasil se institui como um narrador-viajante, um narrador-cartógrafo, baseado em dois gêneros não ficcionais: o relato de viagens e o paisagismo (“sobretudo o que tematiza vistas e exuberâncias tropicais”, SUSSEKIND, 1990, p.20). Esse narrador, ligado ao anseio de fundar uma literatura nacional diversa da européia, tem como modelo e “certidão de verdade” o olhar do viajante estrangeiro, o do naturalista que classifica o que vê e o do paisagista que desenha e mapeia. Como ela demonstra, esses narradores-cartógrafos sofrem uma primeira transformação entre 1869 e 1880, “em direção às máscaras do historiador e do cronista de costumes” (SUSSEKIND, 1990, p. 155), e seu estudo conclui-se com a análise da viagem auto-reflexiva dos narradores de Machado de Assis, que desarmam as idéias fixas de natureza e cor local. Encerrando-se aqui, não deixa, contudo, de apontar para outras transformações históricas desse narrador ligado à viagem:

E, na prosa modernista dos anos 20 deste século – vide *Macunaíma*, *Memórias sentimentais de João Miramar*, *Serafim Ponte Grande*, *Pathé Baby* – se reinterpreitariam viagens e narradores-em-trânsito. Assim como fariam em fins dos anos 60 textos tão diversos como *Quarup*, de Antônio Callado, e *Panamérica*, de José Agrippino de Paula; na década de 70, o “Descartes com lentes” perdido no Brasil holandês do *Catatau*, de Paulo Leminski, (...) e um livro que se autodefine como uma “aoléuviagem” como *Galáxias*, de Haroldo de Campos (...) (SUSSEKIND, 1990, p. 154,155).

O livro de Leminski apresenta uma *ego-trip*, o pensamento-fala de Descartes ininterrupto; um viajante estrangeiro em terra recém-conquistada e que tenta descrevê-lo e compreendê-lo; a descrição da fauna local compondo um bestiário. No entanto, o que ocorre é uma inversão: o novo mundo impede as construções

do velho mundo, sendo necessário um outro pensar-dizer, de modo que o autor desconstrói os pressupostos que orientaram a constituição do narrador de ficção no Brasil oitocentista a partir mesmo de suas bases.

Ao chegar ao Novo mundo cabe ao sujeito nomeá-lo, descrevê-lo mapeá-lo, transformar a natureza em “civilização”, desenhar, pintar, escrever sobre essa terra em branco (cf. SUSSEKIND, 1990, p. 13). Trata-se do papel do conquistador nos livros de viagem, modelos da prosa de ficção que “passa a se oferecer não propriamente como literatura, mas como mapa unificador, tratado descritivo, paisagem útil” (SUSSEKIND, 1990, p.22). Nessa prosa de ficção estará sempre presente, a partir do pensamento de Ferdinand Denis, “a crença na força selvagem da natureza nos trópicos” (SUSSEKIND, 1990, p.27). Assim, mais do que relato, tem-se o inventário, a classificação naturalista, a expedição científica, a paisagem pitoresca a ser estudada: “Se ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais, ao naturalista caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que se encontra pelo caminho” (SUSSEKIND, 1990, p.45).

Como vimos, Leminski define seu livro como “sem mapas”, opondo-se, portanto, à imagem do narrador-cartógrafo-e-paisagista, assim como ridiculariza o “desejo de ao mesmo tempo *representar e colecionar* a paisagem” (SUSSEKIND, 1990, p. 119), quando, por exemplo, citando Marcgravf e Spix, faz Descartes dizer:

Por eles, as árvores já nasciam com o nome em latim na casca, os animais com o nome na testa (...), cada homem já nascia escrito em peito o epitáfio, os frutos brotariam com o receituário de suas propriedades, virtudes e contra-indicações. (LEMINSKI, 1975, p. 34)

O instrumento óptico, a luneta, que acompanha o personagem Cartésio em *Catatau*, também figura nos relatos analisados por Flora: “essa verdadeira representação hiperbólica do olhar armado do viajante naturalista que é o telescópio. Como se vê em Spix e Martius. Ou à luneta, como se vê na tela O morro de Santo Antônio no Rio de Janeiro (1816), de Nicolau Antônio Taunay” (SUSSEKIND, 1990, p. 126). No caso de *Catatau*, a luneta está presente quando faz aumentar as próprias letras do texto em maiúsculas, no entanto, mais cega o personagem do que o esclarece:

“E os aparelhos óticos, aparatos para meus disparates?”; “Esta lente me veda vendo, me vela, me desvenda, me venda, me revela. Ver é uma fábula – é para não ver que estou vendo”; “A figura é figurada. Desvidro-me. Não representa o que apresenta. Em outras palavras, são outra coisa.” (LEMINSKI, 1975, p. 16, 17,19).

Para opor-se à racionalidade matemático-cartesiana, Leminski cria, assim, um personagem que é como um viajante que perde totalmente os parâmetros de sua cultura de origem, sofrendo uma espécie de “bloqueio” e “trauma”. Ao identificar o que ela chama de a “sensação de não estar de todo”, Flora cita dois exemplos que encontram paralelo no livro de Leminski: o livro de Júlio Verne, *O eterno Adão*, no qual os naufragos sobreviventes chegam em um continente desconhecido, mas, ao invés de civilizá-lo, “não são os ‘naufragos’ que conquistam o continente descoberto; é este que parece lentamente devorá-los” (SUSSEKIND, 1990, p. 14). Assim também em *Quarup*, de Antonio Callado, o personagem que finca a bandeira nacional no centro do país é coberto por milhões de saúvas, imagem esta retomada ao final de *Catatau*: “e as formigas me comendo e me levando em partículas para suas monarquias soterradas” (LEMINSKI, 1975, p.205).

“Livro-limite”, na expressão de Haroldo de Campos, a hipótese que lançamos é a de que *Catatau* seria o ponto extremo desse modelo analisado por Flora, seguindo uma linha que se inicia nos decênios de 1830 e 1840. Transgressão máxima desse modelo, o livro ainda se encontra dentro do mesmo paradigma, como se o rompimento total não deixasse de ser também o ponto de chegada dessa tradição. Dubiedade que faz o sucesso/fracasso do livro. Nesse sentido, o fracasso programático é coerente, pois trata de desfazer pelo avesso os postulados que orientaram a ficção no Brasil. Dúbio, porque, ao negar com tanta radicalidade essa tradição, acaba, de outro modo, por afirmar o que nega, ou seja, apesar de sua força contestadora, o livro mantém em outras bases noções como a de “natureza exuberante”, território à parte não domesticável, e, inclusive, a idéia de um “estilo tropical”. Como mostra o estudo de Roberto Ventura (1991), aliás contemporâneo do de Flora, “A crítica e a história literárias brasileiras foram marcadas, até 1910, pelas noções de *raça e natureza*. As origens do ‘estilo’ literário eram atribuídas à ação diferenciadora do meio ambiente ou da mistura étnica” (VENTURA, 1991, p.18).

Assim Araripe Júnior, em 1888, escreve sobre o estilo tropical, a partir da adaptação do naturalismo no Brasil, dizendo:

Emigrando para o Brasil, o naturalismo não podia deixar de passar por uma migração profunda. Zola, neste clima, diante desta natureza, teria de quebrar muitos dos seus aparelhos para adaptar-se ao sentimento do real aqui. (JÚNIOR, 1888, *apud* VENTURA, 1991, p. 17, 18)

Não poderíamos traduzir essa mesma frase para o caso de *Catatau*, alterando apenas os nomes?

Emigrando para o Brasil, o *cartesianismo* não podia deixar de passar por uma migração profunda. *Descartes*, neste clima, diante desta natureza, teria de quebrar muitos dos seus aparelhos para adaptar-se ao sentimento do real aqui.

Ou seja, não se trata da mesma idéia com outra roupagem? E ainda diz Araripe: “A nova escola, portanto, tem de entrar pelo Trópico de Capricórnio, participando de todas as alucinações que existem no fermento do sangue doméstico, de todo o sensualismo que queima os nervos do crioulo” (JÚNIOR, 1888, *apud* VENTURA, 1991, p.18). Também não é de alucinação e delírio que se trata no caso da ficcionalização de Descartes, sofrendo a influência do meio no corpo de seu pensar, como revelam as poucas frases pinçadas a seguir? “Este mundo é o lugar do desvario, a justa razão aqui delira”; “Este calor acalma o silêncio onde o pensamento não entra, ingressa e integra-se na massa” ; “Nestes climas onde o bicho come os livros e o ar de mamão caruncha os pensamentos” (LEMINSKI, 1975, p.17, 28), dentre muitas outras que poderiam ser citadas.

Ainda seguindo o pensamento de Araripe Júnior, ele assim define a tropicalidade do estilo: “há estilo que resista, há correção que se mantenha? O [estilo] tropical não pode ser correto. A correção é o fruto da paciência e dos países frios; nos países quentes, a atenção é intermitente” (JÚNIOR, 1888, *apud* VENTURA, 1991, p. 18). Assim também é intermitente a fala de Descartes em *Catatau*: “Pensamento, aqui, é susto”; “Tudo o mais que sei não cabe no que digo, já não há mais o que eu havia dito, já há só o

que nunca se soube. Os sintomas. Os sintomas de tudo, os sistemas totais.” (LEMINSKI, 1975, p.19).

Retomando a hipótese levantada: com toda a inversão demolidora que faz Leminski, não se trata, mesmo que do avesso, de propor a mesma coisa? A idéia de uma radical diferença dos trópicos em relação à Europa? O verso e reverso de uma mesma moeda-idéia? Não se trata ainda de uma obsessão pela natureza exuberante? A mesma que está na “constituição do narrador de ficção na prosa romântica brasileira e de algumas de suas transformações históricas” (SUSSEKIND, 1990, p.19)? Portanto, o livro de Leminski insere-se como transformação histórica desse mesmo modelo inicial, só que problematizando-o em negativa. Se à prosa de ficção romântica cabia o desejo de mapear o Brasil, o que faz Leminski é apagar as linhas do mapa, buscando não um começo histórico, mas a *origem* entendida como *originalidade* absoluta, apagando todas as escritas calcadas na lógica e no modo europeu de apreensão do Novo Mundo. Espécie também ele de *Marco Zero*.

Assim, não haveria também em *Catatau* a afirmação de uma “essência original”, não da nacionalidade, mas de uma noção de território à parte, trópicos indomáveis, não domesticáveis, região inconsciente na qual consciência alguma pode dar conta, como um resto, um resquício a perturbar a razão? Espécie de pensamento selvagem *versus* o cogito cartesiano, ou o cogito cartesiano confrontado com o pensamento selvagem, *bricoleur*, a destruir a lógica dos viajantes invasores. Ao mesmo tempo, o livro foi escrito entre 1966 e 1975, em pleno período de ditadura, nesse caso, seu desejo de falência manifesta, seu afastamento voluntário dos leitores, sua ilegibilidade programada, não se ligariam também a um projeto de contestação política? Espécie da autofagia da literatura que se devora a si mesma até desaparecer do mapa ou fazer desaparecer qualquer mapa. Se, antes, busca-se a nacionalidade, aqui parece haver o desejo voluntário de perder-se, sumir do mapa, tornar-se inencontrável.

Busca-se apagar os rastros do já dito, re-fundar uma terra em branco, justamente o inverso do desejo que movimentava os narradores de ficção nos decênio de 30 e 40 do século XIX, como a imagem em negativa desse anseio fundador, cartográfico, descritivo, de expedição científica. Tudo vai abaixo em *Catatau*

(onomatopéia também para queda). Mesmo assim, com todo esse grau de negativas, ainda se trata de uma transformação desse mesmo narrador-viajante, situando-se nesse paradigma, apesar de apontar pra um ponto de não-retorno: o que escrever depois disso?

A falência programática do livro, a nosso ver, viria de um dilema não resolvido em uma tensão que permanece: a de um livro de vanguarda que repete com diferença as bases da prosa de ficção no Brasil e que propõe um rompimento radical com a representação de moldes românticos, realistas, naturalistas, mas que, paradoxalmente, mantém seus pressupostos, tais como a natureza exuberante ou a influência do clima. O dilema não resolvido viria da junção ou justaposição de desconstrução formal unida a uma ideologia conservadora de um mesmo ideal romântico. Por não poder mantê-las juntas – a rebeldia, a paródia, a desconstrução e a manutenção de um mesmo ideal do avesso - sem gerar um choque auto-contraditório, coerente também ele com a proposta do livro, o fracasso faz-se inevitável, podendo então ser lido como um caso-limite, de fato, da ficção do estilo tropical chegada a um ponto de não-retorno.

A par do atrativo pela idéia-mor do livro: a dissolução do pensar cartesiano em solo e selva tropical e do cômico da situação em que coloca Descartes, a par desse interesse e amor que o livro desperta em nós, leitores, digamos assim, nativos, como uma vingança tropical-concretista-antropofágica, ele se manteria ainda nas categorias do pensamento romântico. Quer dizer, há um efeito misto na leitura de *Catatau*, ou naquilo que no livro podemos tentar ler já que ele mesmo se apresenta sem mapas nem coordenadas, de atração e recusa. Aqui também “a sensação de não estar de todo” atinge a leitura e este texto.

## Referências

- BONVICINO, Régis. Com quantos paus se faz um Catatau (1979). In
- LEMINSKI, P. *Catatau*. Um romance-idéia. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1989, p.224-226.
- CAMPOS, Haroldo de. Uma Leminskiada Barrocodélica (1989). In \_\_\_\_\_. *Metalinguagem & outras metas*. 4ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp.213-220.
- CAPISTRANO, Paulo. *Descoordenadas Cartesianas em três ensaios de quase filosofia*. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2001.
- CARVALHO, Tida. *O Catatau de Paulo Leminski, (dês) coordenadas cartesianas*. São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 2000.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. (1637). Introd. Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas Gerard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3ª ed., São Paulo:Abril Cultural, 1983, pp. 25-71.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das Ciências Humanas* (1966) Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* (1936). 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- LEMINSKI, P. *Catatau*. Um romance-idéia. (1975). 2ª ed. Porto Alegre: Sulina. 1989.
- . Descordenadas artesianas. In ——. *Catatau*. Um romance-idéia.. 2ª ed. Porto Alegre:Sulina, 1989. p. 207-209.
- . Quinze pontos nos iis. In ——. *Catatau*. Edição citada, 1989b.p. 210-213.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste. 1630/1654*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, Edusp, 1975.
- MOREAU, P. e BARO, R. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da viagem ao país dos tapuias* (1651). Trad. Leda Boechat Rodrigues. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp. 1979.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Um Catatau. Felizmente (1976). In LEMINSKI, P. *Catatau*. Um romance-idéia. 2ª ed. Porto Alegre:Sulina, 1989, p.215-217.

RISÉRIO, José Antonio. *Catatau:Cartesanato* (1976). In LEMINSKI, P. *Catatau. Um romance-idéia*. (1975) 2ª ed. Porto Alegre:Sulina, 1989, p.217-224.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical.História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.